

SAÚDE MENTAL DE MÃES DE CRIANÇAS AUTISTAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Cíntia Márcia de Magalhães¹.

¹Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GO), Goiânia, Goiás. <https://lattes.cnpq.br/6358405839372476>

DOI: 10.47094/IIICOBRASAFIMES.2026/RE/5

PALAVRAS-CHAVE: Mães. Representação Social. Autismo.

ÁREA TEMÁTICA: Saúde mental.

INTRODUÇÃO

A saúde mental compreende um estado de equilíbrio biopsicossocial que permite ao indivíduo desenvolver suas potencialidades e lidar com as adversidades cotidianas, transcendendo a mera ausência de patologias. No âmbito da maternidade, esse equilíbrio é tensionado por construções sócio-históricas que idealizam o papel materno sob a égide do sacrifício e da abnegação. De acordo com a teoria das representações sociais de Moscovici (1978), tais significados operam como sistemas de valores que orientam condutas e estabelecem expectativas rígidas sobre o comportamento feminino.

Essa configuração torna-se substancialmente complexa no contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por déficits na interação social e padrões restritos de comportamento. A transição do “filho idealizado” para o “filho real” impõe às mães uma carga emocional e prática intensificada, que envolve desde a mediação de terapias até a renúncia de projetos pessoais e profissionais. Diante desse cenário, a sobrecarga materna é frequentemente naturalizada, resultando em elevados índices de estresse, ansiedade e depressão, agravados pela carência de redes de apoio e de políticas públicas eficazes.

OBJETIVO

O presente trabalho objetiva realizar uma revisão bibliográfica acerca dos impactos psicológicos na saúde mental de mães de crianças diagnosticadas com TEA, analisando como as representações sociais da maternidade influenciam a sobrecarga emocional e a qualidade de vida dessas mulheres.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e natureza básica, conduzida sob os moldes de uma revisão narrativa. O levantamento de dados foi realizado no Portal de Periódicos da CAPES entre fevereiro e junho de 2025, utilizando descritores padronizados pelo DeCS.

Os critérios de inclusão contemplaram artigos completos publicados em português, inglês e espanhol nos últimos cinco anos (2020-2025), que abordassem especificamente os impactos psicológicos e os desafios enfrentados por mães de crianças autistas. A seleção dos estudos ocorreu por meio de triagem em dois momentos: leitura de títulos e resumos, seguida pela análise integral dos textos selecionados para a composição do corpus final da revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da literatura revela que a maternidade atípica tensiona as representações sociais tradicionais, que ainda fundamentam o bem-estar dos filhos como responsabilidade quase exclusiva da figura materna. Sob a lente de Badinter (1985), a romantização do “amor materno” funciona como um mecanismo de invisibilização do sofrimento psíquico, culpabilizando a mulher por eventuais dificuldades no desenvolvimento da criança. Esse peso simbólico é acompanhado por uma exaustão física decorrente da sobrecarga de funções, que frequentemente leva à interrupção da carreira profissional e ao isolamento social.

Nesse contexto, a rede de apoio emerge como um fator protetivo indispensável, conforme preconizado pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (1979). Verificou-se que mães com suporte familiar, conjugal e institucional robusto apresentam maior resiliência emocional e menores níveis de estresse crônico. No entanto, a efetividade desse suporte é atravessada por condições socioeconômicas; famílias em situação de vulnerabilidade enfrentam barreiras estruturais no acesso a terapias e direitos básicos, o que potencializa o risco de adoecimento mental. Assim, a saúde mental materna não deve ser vista apenas como um fenômeno individual, mas como um sofrimento ético-político derivado de uma estrutura social que delega o cuidado integral à mulher sem oferecer o respaldo coletivo necessário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão demonstra que a promoção da saúde mental de mães de crianças com TEA requer a desnaturalização da abnegação materna e o fortalecimento da corresponsabilização familiar e social. É urgente a implementação de políticas públicas intersetoriais que garantam não apenas o suporte terapêutico à criança, mas também espaços de acolhimento psicológico e valorização da identidade da mulher para além

do papel de cuidadora. O cuidado, portanto, deve ser compreendido como uma prática compartilhada em rede, visando à justiça social e ao bem-estar coletivo.

PRINCIPAIS REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, S. de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Tradução de S. D. Vasconcelos. São Paulo: Difusão Editora, 2009. v. 2.

BRONFENBRENNER, U. **The ecology of human development: experiments by nature and design**. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

CRISÓSTOMO, K. N.; GROSSI, F. R. S.; SOUZA, R. S. As representações sociais da maternidade para mães de filhos/as com deficiência. **Revista Psicologia e Saúde**, Campo Grande, v. 11, n. 3, p. 79-96, 2019.

MEIMES, A. M.; SALDANHA, H. C.; BOSA, C. A. Adaptação materna ao Transtorno do Espectro Autismo: relações entre crenças, sentimentos e fatores psicossociais. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 4, p. 412-422, 2015.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.